ARTES VISUAIS E CRIATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

KATIANE DA COSTA SOUSA NUNES

RESUMO:

O tema de que trata este artigo, é uma chamada aos educadores e à escola para a reflexão da prática pedagógica, no sentido de se identificar as barreiras ao desenvolvimento da criatividade nas artes visuais e a necessidade de mudança na educação. As razões que justificam a necessidade de práticas educacionais que possibilitem a cada aluno desenvolver o seu potencial criador de forma mais plena são várias. Uma delas diz respeito ao atual momento da História, caracterizado por um ritmo progressivamente mais acelerado de mudança. Uma segunda razão é que o perfil de profissional que está sendo exigido no mercado de trabalho hoje é o perfil de um profissional criativo. O homem deste tempo é chamado continuamente a buscar novas alternativas para solucionar questões presentes em seu dia-a-dia pessoal e profissional.

Palavras-chaves: Arte visual. Prática pedagógica. Criatividade.

1. INTRODUÇÃO

Segundo a pesquisa feita por Eunice M. L. Soriano de Alencar, a necessidade de se propiciar melhores condições para o desenvolvimento do potencial criador tem sido ressaltada, desde os anos 50, por autores diversos, como Guilford (1950, 1971, 1979), Mackinnon (1959, 1964, 1970), Rogers (1959), e Torrance (1965, 1970, 1987, 1993, 1995).

A escola, como instância de formação da cidadania, assume sua função social ao garantir a todos o direito constitucional à Educação Fundamental. O processo educativo pressupõe o desenvolvimento integral e qualitativo da pessoa. Dessa forma, o desenvolvimento do potencial criador se faz mais que necessário.

A aprendizagem que permite o desenvolvimento da criatividade paralelamente ao conhecimento em si, trabalha o ser humano de forma mais integrada, pois está preocupada com todas as relações que este possa realizar durante a ação de aprender. Ela permite que este processo seja um estímulo para novas transformações, recebendo o conhecimento e construindo gradativamente seu próprio repertório interno, mental e sensorial.

O criar em situações de aprendizagem acontece quando a criança ou o jovem, ao buscar seus conhecimentos e tentar resolver situações de desafio, tem a possibilidade de encontrar soluções por vezes raras e inusitadas, ou que simplesmente sugerem relações até então pouco exploradas e pensadas.

Aprendemos quando adquirimos conhecimento. Situações de aprendizagem desafiadoras geram no indivíduo a necessidade interna básica de romper com seus próprios limites enquanto busca o novo.

Os processos criativos no ser humano constituem o ápice mais sublime de sua essência, são aqueles que o distinguem de todos os outros seres de nível inferior; estão acima dos processos conscientes e dos cognitivos. Mas, por isso mesmo, são também os mais vulneráveis às variações quando não se dão condições adequadas para o seu desenvolvimento.

Por tudo isso, a criatividade só ocorre num clima permanente que propicia a autêntica liberdade mental, numa atmosfera geral e global que estimula, promove e valoriza o pensamento divergente e autônomo, a oposição lógica, a crítica fundamentada. Este clima implica muitos esforços contra erros educativos arraigados e lutas, nem sempre fáceis, contra os mantenedores da mesmice.

O comodismo e a visão superficial, mesmo das coisas mais difíceis, levam educadores a querer encontrar uma chave, uma técnica, uma receita para tudo e a querer o resultado já. Contudo, a educação e a formação de homens criativos exigem uma reviravolta na nossa concepção clássica de educação, dessa educação "bancária", que consiste em transmitir o velho e fazer todo o possível para que não surja o novo.

A criatividade é um fenômeno que desperta o interesse e a curiosidade do homem desde o início dos tempos. O processo de gerar novas ideias, produtos, ações, revoluções, arte, ciência, entre tantas outras coisas, parece ser um talento que a humanidade dispõe sempre que necessita de respostas ou soluções inovadoras para seus problemas e questões existenciais.

Contudo, de acordo com Torrance (1976), grande parte das definições de criatividade envolvem a produção de alguma coisa nova ou original em resultado de um processo de sentir alguma espécie de deficiência, formular ideias ou hipóteses a respeito dela, testar essas hipóteses e comunicar os resultados.

2. O QUE É CRIATIVIDADE?

Muitas são as definições propostas para o termo criatividade. Na literatura encontra - se conceituações que se baseiam no processo criativo, algumas no produto e outras nas características de personalidade da pessoa criativa.

Todas, porém, concordam em alguns aspectos como: (a) deve ser apropriado, útil, válido em algum momento no tempo e na

cultura; (b) um produto para ser considerado criativo, deve ter o atributo da novidade (Alencar, 1993).

A emergência de um produto novo parece ser o aspecto mais ressaltado nas inúmeras definições de criatividade. Salienta também a necessidade de o produto ser considerado satisfatório ou apropriado por um número significativo de pessoas. Segundo Cross (1993), não há um único modelo aceito universalmente, nem tentativas de unificar as definições da criatividade proposta até hoje.

Portanto, a criatividade assume características de fenômenos multifacetados. Por ser múltipla e complexa, tem variadas concepções. Mackinnon (1964) considera a criatividade como resposta a uma capacidade de atualização das potencialidades criadoras do indivíduo, através de padrões únicos e originais, os quais lhe possibilitam reconhecer e dar expressão aos múltiplos aspectos da sua personalidade, aceitando-se a si mesmo e adquirindo autoconfiança. Maslow (1963) chama a atenção para a criatividade auto realizadora, enfatizando as forças motivacionais no comportamento criativo.

Guilford (1968) refere-se à criatividade, num sentido restrito, às habilidades que são características dos indivíduos criadores, como fluência, flexibilidade, originalidade e pensamento divergente.

Matisse (in Keneller, 1969) afirma que criar é expressar o que se tem dentro de si, portanto, a concepção criativa é sempre original e individual, um autêntico esforço de criação interior.

Criatividade, declara Rogers (1970), é a auto realização, motivada pela premência do indivíduo de realizar-se; é a tendência para exprimir e ativar todas as capacidades do organismo ou o Eu; é a emergência de um produto novo, resultante, por um lado, da unicidade do indivíduo e, por outro, dos materiais, dos eventos de outros indivíduos e das circunstâncias de sua vida.

Gagné (in Novaes, 1972), num primeiro momento, definiu a criatividade como uma forma de solucionar problemas, envolvendo saltos intuitivos ou uma combinação de ideias de campos largamente separados do conhecimento. Thurstone acrescenta a essa definição um outro elemento: o produto criado deve ser algo novo. Também in Novaes, 1972, Taylor, examinando as inúmeras definições, achou por bem distingui-las em cinco níveis para melhor compreensão:

- Nível expressivo: diz respeito à descoberta de novas formas de expressar sentimentos, assim quando uma criança desenha o sol está expressando vida, alegria, está se comunicando consigo mesma e com o meio ambiente;
- Nível produtivo: a técnica de execução é aumentada, a preocupação prioritária é a do número (quantidade), ficando em segundo plano a forma e o conteúdo;
- Nível inventivo: a maior dose de invenção e capacidade de descobrir novas realidades, o que implica uma flexibilidade perceptiva para poder destacar novas relações, tanto no campo da ciência como no da arte;
- Nível inovativo: envolve modificações dos princípios básicos que sustentam na totalidade o sistema a que pertence o objeto criado; implica em originalidade; é esse o nível que diferencia o artista do fazedor de arte;
- Nível emergente: ocorrência do máximo poder criador, frequentemente pressupondo criação de princípios novos e não só modificação dos já existentes; é o que define o talento e o gênio.

Schacthtel (in Kneller, 1973) sustenta que a criatividade resulta da abertura em relação ao mundo exterior e, portanto, de maior receptividade à experiência. A criatividade é, assim, a capacidade de permanecer aberto ao mundo. Também in Kneller, 1973, Ghiselin define a criatividade como o processo de mudança, de desenvolvimento, de evolução na organização da vida subjetiva.

De uma outra forma, Stein (1974) concebe criatividade como o processo que resulta em um produto novo, que é aceito com útil, e ou satisfatório por um número significativo de pessoas em algum ponto no tempo. E para Noller (1977) a criatividade também é a emergência de um produto novo, relevante pelo menos para a pessoa que cria a solução, constituindo-se numa atitude que implica conhecimento, imaginação e avaliação.

Para Torrance (em Taffarel, 1985, p.8).

"Criatividade é um processo natural de todas as pessoas, através do qual elas se conscientizam de um problema, de uma lacuna nas informações, para a qual ainda não aprendem a solução; procura então as soluções em suas experiências ou nas dos outros; formula a hipótese de todas as soluções possíveis, avalia e testa estas soluções e comunica os resultados".

Em Csikszentmihalyi (1988, p. 134)

"Criatividade não é um tributo de indivíduos, mas dos sistemas sociais que fazem julgamento sobre os indivíduos. A criatividade é o produto da interação entre três subsistemas: o domínio, a pessoa e o campo. O domínio representa a cultura onde um determinado comportamento tem lugar. O campo é composto por indivíduos que conhecem as regras do domínio e que decidem se o desempenho do indivíduo é criativo ou não. A pessoa é o indivíduo que assimilou as regras do domínio, encontrando - se pronto para

imprimir no campo suas variações individuais".

Analisando cada uma das definições acima, podemos notar algumas relações estabelecidas entre o processo da criatividade e o da solução de problemas e investigação (Torrance), da criatividade com a intuição e a manipulação de símbolos para a produção de novos eventos (Gagné), com a capacidade de detectar problemas, ideias novas e originais e sua exploração (Thurstone), relações essas que supõem processos cognitivos de nível superior que exige elaboração, conforme estudos realizados por J.W.

Getzcls (in Hilgard, 1964).

Pelo exposto, observa-se que a criatividade, não é um "dom" presente em poucos indivíduos, que consiste em um lampejo de inspiração, que ocorre sem uma razão explicável. A ciência tem mostrado que todo ser humano é criativo (alguns mais, outros menos), e que a criatividade pode ser estimulada através de processos e contribuições da sociedade e do meio ambiente.

2.1. Fatores inibidores da criatividade nas artes visuais

São considerados por Sikora (1976) elementos inibidores da criatividade, em relação à cognição, os bloqueios, as estruturas rígidas de pensamento, os crivos severos de percepção do meio, a má interação entre o indivíduo e o meio, a falta de informação e experiências, a fixação na solução de problemas, os pensamentos rígidos de causa e efeito, os preconceitos e as teorias dominantes. São considerados bloqueios afetivos o medo de cometer erros, a grande necessidade de segurança, a falta de confiança na capacidade criativa, o interesse em resolver problemas com muita rapidez.

Em relação as influências do meio físico e social, considerados como inibidores da criatividade, estruturas rígidas imutáveis, fixas, pouco diversificadas, padronizadas, das coisas que nos rodeiam, Stein (1994, p. 12) diz que:

"Estimular a criatividade envolve não apenas estimular o indivíduo, mas também afetar o seu ambiente social e as pessoas que nele vivem. Se aqueles que circundam o indivíduo não valorizam a criatividade, não oferecem o ambiente de apoio necessário, não aceitam o trabalho criativo quando este é apresentado, então é possível que os esforços criativos do indivíduo encontrem obstáculos sérios, senão intransponíveis. "

Quanto ao meio ambiente sócio - cultural, todas as situações de autoritarismo, alta diretividade, excesso de formalismo, críticas severas, julgamentos estereotipados, indisciplina, diminuição dos canais de comunicação são fatores inibidores da criatividade. Outros fatores culturais determinantes são as pressões de conformismo, as consequências de trabalhos alienantes e mecanicistas, a falta de lazer, o condicionamento imposto pelos meios de comunicação social.

A escola tem sido duramente criticada pelo fato de inibir a criatividade dos alunos através da imposição de padrões imutáveis, estruturas administrativas antidemocráticas, adoção de modelos de disciplina rígidos, exigência de desempenhos específicos e predeterminados.

De acordo com Alencar (1986), o ensino é visto como transmissão de informações, cabendo ao professor com o auxílio do livro - texto transmitir os conhecimentos que, por sua vez, constitui matéria-prima a ser assimilada pelo aluno. A aula tende a ser expositiva e raras são as situações criadas que estimulam o aluno.

Stephen Nachmanovitch (1993), em seu livro Ser Criativo, descreve seis itens fundamentais para desenvolver e/ou obstruir a criatividade: o fim da infância, círculos viciosos, o fantasma da crítica, entrega, paciência e amadurecimento.

- Fim da infância: a maioria das instituições vê a criança como una tabula rasa sobre a qual o conhecimento é edificado. A criança que fomos e que ainda somos aprende explorando e experimentando, bisbilhotando tudo o que a cerca. O mundo rela do adulto acaba cortando nossas asas e a tudo proibindo. A escola pode alimentar a criatividade das crianças, mas também pode destruíla. É comum a confusão entre educação e treinamento. O objetivo do treinamento é passar informação específica de uma atividade realizada. Os objetivos da educação é a construção da pessoa. Educar é extrair da pessoa as capacidades latentes para compreender, viver, explorar e expressar livremente, sem molde rígido e limitação.

- Círculos viciosos: os processos criativos, o da livre expressão e o da prática intensa, podem cair no vício, deixando-nos num estado de confusão e dúvida. O vício é um apego compulsivo. Vício é qualquer dependência que se perpetua e se catalisa num ritmo cada vez mais acelerado. É responsável por grande parte do sofrimento que aflige a nós e aos outros. O vício consome a energia e leva a escravidão. A prática equilibrada gera energia e conduz à liberdade.

- Fantasma da crítica: Existem dois tipos de crítica: a construtiva e a obstrutiva. A crítica construtiva ocorre no tempo da criação, na forma de um feedback contínuo para facilitar a ação. Já a crítica obstrutiva atua perpendicularmente à linha de ação, bloqueando ou rejeitando a criação. De acordo com

Nachmanovitch, 1993, p. 125: " A maneira mais fácil de fazer arte é enunciar a qualquer expectativa de sucesso ou fracasso e simplesmente ir em frente".

• Entrega: os bloqueios são um meio que se paga por evitar a entrega. Ao contrário do que pensamos, a entrega não é uma derrota, mas uma porta que se abre para um mundo de prazer e de permanente criação. A entrega tem que ser genuína, espontânea e sincera. Tem que abandonar qualquer esperança e medo, sabendo que nada tem a ganhar ou a perder. Deixar que as coisas aconteçam naturalmente. Sem entrega e confiança nada acontece.

• Paciência: as exigências da vida diária e as nossas próprias expectativas parecem não dar tempo nem espaço de manobra. Então nos agarramos a uma saída fácil, buscando uma solução imediatista. Os frutos da improvisação de composição, de literatura, de inventividade e da pesquisa podem florescer espontaneamente, mas brotam de um solo que foi preparado, fertilizado e cultivado na fé de que eles virão a amadurecer a seu próprio tempo. A fé é, portanto, uma dimensão interior da paciência.

• Amadurecimento: um professor talentoso sabe que as ideias e percepções precisam amadurecer durante certo tempo. Às vezes, o aluno que tem maior dificuldade de expressar suas ideias é aquele que na verdade está absorvendo e processando mais profundamente. Isso também se aplica ao nosso aprendizado particular da arte que escolhemos: às áreas em que nos sentimos mais confusos e incompetentes podem ser nossa mina de ouro. Portanto, no aprendizado o silêncio pode ser uma arma poderosíssima.

Pelo exposto, podemos concluir que a criatividade nasce da livre expressão. Assim, tudo o que interfere nesta liberdade, torna-se um fator inibidor ao desenvolvimento da criatividade. Segundo Nachmanovitch (1993, p. 167) "a criatividade, como na vida, é um processo que envolve circuitos integrantes e interligados, de controle e alimentação entre o organismo e o ambiente".

Dessa forma, o não funcionamento dos sistemas de governo, de produção, de cultura, de pensamento e de percepção aos quais nos acostumamos, frente a esse período de intensa transformação que vivemos, torna-se um desafio. Podemos nos agarrar ao que está passando ou já passou, ou podemos nos entregar ao processo criativo, sem nos preocuparmos com o resultado final. Quem aceitar este desafio estará acalentando, abraçando a vida e encontrando um sentido para ela.

2.2. Barreiras ao desenvolvimento da criatividade

O potencial criador é inerente ao ser humano, mas esta capacidade muitas vezes encontra barreiras para se expressar. A inibição desse potencial resulta de experiências dissociadas da identidade do indivíduo e da restrição de sua capacidade interativa com o meio.

O que se observa na sociedade é que inúmeros são os fatores que constituem barreiras ao desenvolvimento da criatividade. Em nossa cultura, por exemplo, valorizase muito mais o raciocínio lógico, em detrimento da fantasia e reflexão, consideradas como perda de tempo (Adams, 1994 apud Alencar, 1994). A imaginação é pouco explorada na escola, procurando-se prioritariamente enfatizar os conhecimentos adquiridos no passado, muitas vezes insuficientes para lidar até mesmo com problemas presentes.

Ao reforçar-se o bloqueio da atividade imaginativa, outras barreiras são erguidas, como por exemplo as barreiras de natureza sensorial. "Muito pouca atenção tem sido dada à utilização dos sentidos para a estimulação das habilidades criadoras" (Alencar, 1994, p.124).

Barreiras perceptuais, por sua vez, faz com que o indivíduo, devido analisar previamente uma situação ou objeto, reforce estereótipos e preconceitos, além de lhe dificultar abertura a novas experiências. A rigidez de pensamento, portanto, impossibilita a pessoa explorar novas ideias, testar diferentes maneiras de se fazer coisas e manipular ideias divergentes.

A concepção que se tem de si mesmo pode também representar uma barreira à expressão da criatividade. Se a pessoa se percebe como pouco criativa ou incapaz de gerar ideias novas provavelmente não confirmará sua autoimagem.

"Todo ser humano precisa de um ambiente propício à formação de uma autoimagem positiva, uma vez que aquilo que pensamos a respeito de nós mesmos influência o que podemos fazer e alcançar. Neste sentido, a figura do professor assume grande relevância, uma vez que constitui um elemento poderoso na formação de crenças e atitudes que cada aluno desenvolve a respeito de si mesmo, especialmente na infância e na adolescência. " (Alencar 1994, p.125).

Com o exposto, fica claro que a figura do professor, pela significação que tem para seus alunos, poderá contribuir de maneira decisiva para que construam significativamente seu autoconceito. No entanto, para que isso seja possível é preciso que o professor compreenda seus próprios valores e avalie até que ponto sua figura também influencia os comportamentos dos alunos.

Para motivar os alunos a aprender e propiciar condições ao desenvolvimento da criatividade, é fundamental ainda que o professor tenha competência para conhecer suas necessidades, propondo desafios adequados, levando-os a construir conhecimentos, a experimentar o sucesso e seu potencial criador e a adquirir uma auto - imagem positiva, a fim de que o prazer venha da própria

aprendizagem, de sentimento de aptidão e da segurança para resolver problemas.

Outro obstáculo ao desenvolvimento das habilidades criativas são as pressões psicológicas. Muitas crianças do jardim-de-infância, da pré-escola e mesmo do primeiro ciclo gostam da escola. Interessa-se por aprender e explorar. Mas quando estão na terceira ou quarta série, poucos a apreciam ou sentem prazer com a própria criatividade. Alguns estudos têm enfatizado que existem elementos que funcionam como principais inibidores da criatividade. Por exemplo:

a) Vigilância: Rondar as crianças, fazendo-as sentir que estão sendo constantemente observadas enquanto trabalham. Sob observação constante, a criança não mais assume riscos e o impulso criativo se retrai.

b) Avaliação: consiste em fazer as crianças se preocuparem com o julgamento alheio de seu trabalho. Elas devem, primariamente, ficar satisfeitas com suas realizações, em vez de se inquietarem com avaliações, notas ou opiniões de colegas.

c) Recompensas: uso excessivo de prêmios, como medalhas, dinheiro ou brinquedos. Em excesso, as recompensas privam a criança do prazer da própria atividade criativa.

d) Competição: consiste em colocar a criança na contingência desesperada de vencer ou perder, quando apenas uma galgará o topo. Deve-se consentir que a criança progredisse segundo seu próprio ritmo (existem, é claro, competições saudáveis que fortalecem o espírito de grupo ou equipe...)

e) Controle excessivo: dizer às crianças, minuciosamente, o que devem fazer - sua tarefa de casa, seu trabalho doméstico e até as suas brincadeiras. Pais e professores frequentemente confundem esse tipo de micro gerenciamento com seu dever de instruir. Isso leva a criança a sentir que toda originalidade é um erro, toda exploração uma perda de tempo.

f) Restrição de escolhas: dizer às crianças quais atividades deve empreender em vez de deixar que se encaminhem para onde às levam a curiosidade e a paixão. O melhor é permitir que escolhessem o que lhes interessa e apoiar essa inclinação.

g) O erro: a escola, especialmente, enfatiza a exatidão das respostas, condição considerada imprescindível para classificar os bons alunos. Aquele que erra é visto como incompetente e incapaz. Não se percebe o erro como ato criativo, como uma oportunidade para a exploração e descoberta.

h) Pressão: alimentar esperanças grandiosas quanto ao desempenho das crianças. Por exemplo, os regimes de força, que obrigam as crianças menores a aprender o alfabeto ou a aritmética antes que tenham real interesse podem facilmente produzir resultado contrário e despertar nelas verdadeira aversão pela matéria imposta. Nesse sentido Alencar (1993, p. 61) esclarece-nos que:

"Observam-se fortes reações contra aqueles indivíduos que divergem, que são diferentes ou originais. Desde muito cedo, se diz para a criança que o menino pode fazer, o que a menina pode fazer, o que se pode pensar e como se deve atuar. Todo o processo de socialização é no sentido de conduzir à uniformidade de comportamento e de expressão e de desencorajar a diversidade e originalidade. A obediência às normas é um dos valores mais cultivados pelos agentes socializadores, que se sentem ameaçados com a perspectiva de mudança, de questionamento. Isso explica a hostilidade que muitas vezes se observa para com a pessoa divergente".

Um dos piores inibidores da criatividade, porém, é mais insidioso e tão enraizado na nossa cultura que poucos o notam. Refere-se ao tempo. Se a motivação intrínseca é uma das chaves para a criatividade da criança, o elemento principal para seu cultivo é o tempo: tempo livre para que ela saboreie e explore uma dada atividade ou material, tornando-os coisa sua. Talvez um crime hediondo que os adultos cometam contra a criatividade de uma criança seja surrupiar-lhes esse tempo.

De um modo mais natural que os adultos, as crianças entram nesse estado de criatividade absolutas que é o fluxo, no qual a absorção total engendra o máximo de prazer e originalidade. No fluxo, o tempo não importa, existe apenas o momento atemporal. Trata-se de um estado em que as crianças se sentem mais à vontade que os adultos, pois estes se dão mais conta da passagem do tempo.

"A cultura da pressa significa que, constantemente, o adulto aparece no exato momento criativo em que a criança está prestes a dominar o que faz e põe tudo a perder. Há o sino da escola, que interrompe os trabalhos; a urgência das atividades extracurriculares; a agenda dos pais roubando o tempo das crianças, que disparam pela vida afora sem desdobrarem no ritmo natural. Isso, mais que qualquer outra coisa, esmagará a criatividade (Goleman, 1996, p. 236).

Pode-se concluir que, quando o indivíduo sofre uma restrição de sua capacidade criativa, suas ações tendem a tornar uma mera reprodução de um repertório cristalizado e uma reação condicionada às solicitações do mundo.

A vivência da criatividade, pelo contrário, traz para a pessoa a emoção de um profundo encontro consigo mesma, como entidade única e com uma forma singular de perceber e sentir a vida e o mundo.

3. CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, tentou-se explicar que a criatividade é um elemento indispensável na prática educacional e na vida diária. É desenvolvendo as habilidades criativas que o indivíduo se torna capaz de lidar com o futuro, se tornando apto a atender às novas demandas sociais e culturais.

Um dos aspectos que precisamos salientar é que, não só a escola, mas também a família e a sociedade não podem dispensar a criatividade, precisam considerar a importância de desenvolver as habilidades criativas de seus indivíduos para que possam adaptar-se e solucionar as questões e os problemas trazidos pelo progresso social, científico e tecnológico.

O objetivo geral foi analisar as barreiras ao desenvolvimento do potencial criativo no âmbito escolar, para, a partir disto, levantar discussões sobre as práticas educacionais. Tem-se constatado que a sociedade enfrenta uma profunda transformação em todos os campos do conhecimento, nos modelos de organização social, nos valores individuais e coletivos e nas atitudes. Para facilitar essa transformação, é necessário reestruturar os modelos de informação e educação, para que novos conhecimentos possam ser apresentados, discutidos e englobados no modo de viver de cada um.

Portanto, fica clara a importância de se cultivar a imaginação e a atividade criadora na escola, através de um ensino orientado para a solução de problemas novos e para a preparação do aluno para a produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L Soriano, Psicologia da Criatividade, Porto Alegre: Vozes, 1986.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. Como desenvolver o Potencial Criador. Petrópolis: Vozes; 1991.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Criatividade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

AMABILE, T. The Social Psichology os Creativity. New York: Springer, 1983.

BERGER, Manfredo. Educação e Dependência. 3ª ed. São Paulo: Difel, 1980.

BERMAN, Louise M. Novas Propriedades para o Currículo. 2ª ed. Porto Alegre: globo, 1976.

BRAGA, Amélia Eloy Santana. Dicas Pedagógicas (II) A Monografia como trabalho Acadêmico na Graduação. Sim ou Não? Brasília: Universo, 2000.

BRUNER, Jerome S. O Processo da Educação. São Paulo: Ed. Nacional, 7ª ed. 1978.

CSIKSZENTMIHALYI, M. The Domain of Creativity. Trabalho Apresentado no Congresso de Criatividade. Pitzer College, Claremont-EUA, 1988.

CUNHA, Luiz Antonio. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. 6ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CROSS, Jack. O Ensino da Arte nas Escolas. São Paulo: Cultrix, 1983.

GOLLEMAN, Daniel & outros. O Espírito da Criatividade. São Paulo: Cultrix, 1996.

GETZELS, J. S. Jackson. P. W. Creativity and Intelligence – Explorations With Gifted Students. New York, Wiley, 1962.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo, Atlas,1982.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Educação Física Humanista. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

ROGERS, C. R. Torna-se Pessoa. São Paulo: Martins fontes, 1978

_____. A Liberdade de Aprender em nossa Década. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

TAFFAREL Celi Nelza Zülke. Criatividade nas aulas de Educação Física. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1985.

TORRANCE, Paul E. Dessarollo de la Creatividad del Aluno. Buenos Aires: Livraria del Colégio, 1970.

_____. Pode-se Ensinar Criatividade? São Paulo, EPU, 1974.

VIRGOLIM, Ângela Rodrigues, ALENCAR, Eunice M. L Soriano - Criatividade Expressão e Desenvolvimento, Petrópolis: Vozes, 1994.